







# SERTÃO TRANSVIADO

2016 / Nº 04/ JORNAL DO PROJETO ANUS LIVRES - MÍDIAS RADICAIS E HISTÓRIAS MARGINAIS - JORNALISMO UFCA



Quando o Cariri  
ficou Odara











Jorge  
Hippie

Luiz  
Salatíel

Mãe Célia  
de Oxum

Dona Edite  
do Coco

Valéria  
Carvalho

Adriano  
Aniceto

Blandino Lobo

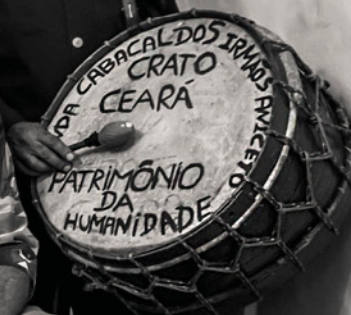
Mestra  
Margarida  
Guerreira

Abidoral  
Jamacarú

Beata Maria  
de Araújo

João do Crato

Dona Ciça do  
Barro Cru









# BAT MACUMBA, OBÁ!



Ribamar Junior

Leninha Duarte atende o telefone de toalha dizendo que não pode me receber para uma entrevista por conta da data do voo marcado para Florianópolis. João lembra que nas noites do Xá de Flor, ela fazia cover da Janis Joplin e fugiu num fusca pro Rio de Janeiro com a amada. Raquel Arraes me fala de Recife sobre a carreira na rádio da cantora Aucir Ventura, mas ela mora em Pirenópolis. Jornalismo sem olho no olho não tem graça. Eu tenho aprendido muito com o jornalismo. O mês de abril faz exatamente um ano do projeto Sertão Transviado e durante a produção da quarta edição do jornal, me senti imensamente realizado com todo o trabalho que estamos desenvolvendo.

João conta nos dedos comigo, sentado no largo da RFFSA, quantas mulheres participavam da contracultura nos anos 70 na região do Cariri. O mais difícil nessa edição do jornal foi documentar a vida dessas mulheres, da noite neon marginal e iluminada pelos desejos subversivos de uma época em que como dizia Logullo era de pessoas cabeludíssimas, roupas transadíssimas, abraços demoradíssimos, cabeças louquíssimas, sons maneiríssimos, viagens desencucadíssimas.

Vamille Furtado conversou com Mona, lésbica futurista, sapatona convicta que no final da entrevista jogou a sacada: "Você é ativa ou passiva?". Giovanna Duarte sentou numa tarde na casa de Blandino e bebeu das cachacas Xá de Flor daquela época, que criou mais do um quê gastronômico e sim, um movimento cultural. Eu, passei todo período da edição colado com João do Crato. Graças a ele, eu pude tecer as pautas. Seria impossível sozinho pensar. Mariana Caselli conheceu a casa do poeta Abidoral Jamaru e falou sobre alquimia, novos trabalhos e a casa dos irmãos Jamaru.

Tomei o café de Zé Viado, que conheceu Capela, a primeira travesti do

Crato e abandonou o ramo do cabaré para trabalhar no mercado. Ele acompanhava Mona nas loucuras. Felipe Azevedo conversa com Luiz Carlos Salatiel sobre o dia 3 de maio que o coletivo Oca organizou em Crato em homenagem à Bárbara de Alencar. O grupo, que contava com Alemberg Quindins e uma gama de pessoas, invadiu a igreja da Sé, amarrou o padre e teatralizam o episódio histórico de prisão dela. Pâmela Queiroz narra sobre a luta de mulheres no dia 8 de março e Gabriella Ramos faz uma narrativa sobre relacionamentos abusivos.

Reunir essa galera na capa do jornal não foi fácil, mas tive o apoio de pessoas corajosas para apostar nisso. Gostaria de agradecer a José Anderson Sandes por acreditar, Aquarela Cariri e especialmente a Carlos Lourenço pelo registro, Dane de Jade pelo espaço, João Do Crato por ter tecido as pautas comigo e cedido horas em conversas, Giovanna Duarte pela paciência, Rafael Tavares disponibilidade e Alana Moraes pela força, aos repórteres e também a todas as pessoas presentes na ONG nessa tarde, inclusive as que tive o prazer de conhecer. Além disso quero agradecer as pessoas que compartilharam e toparam abrir mão de uma tarde para viver esse

momento. O Cariri não cabe numa foto e eu me arrepiei quando João começou "Viva a Bossa, sa, sa/Viva a Palhoça, ça, ça, ça". Dedico essa edição a travesti Dandara, que morreu por ser quem é.]

## EXPEDIENTE

**Ano 1 / Edição 4**  
Juazeiro do Norte, Dezembro 2016  
Jornal do Projeto Ânus Livres  
- Mídias Radicais e Histórias  
Marginais - Jornalismo UFCA

**Professor Orientador**  
José Anderson F. Sandes

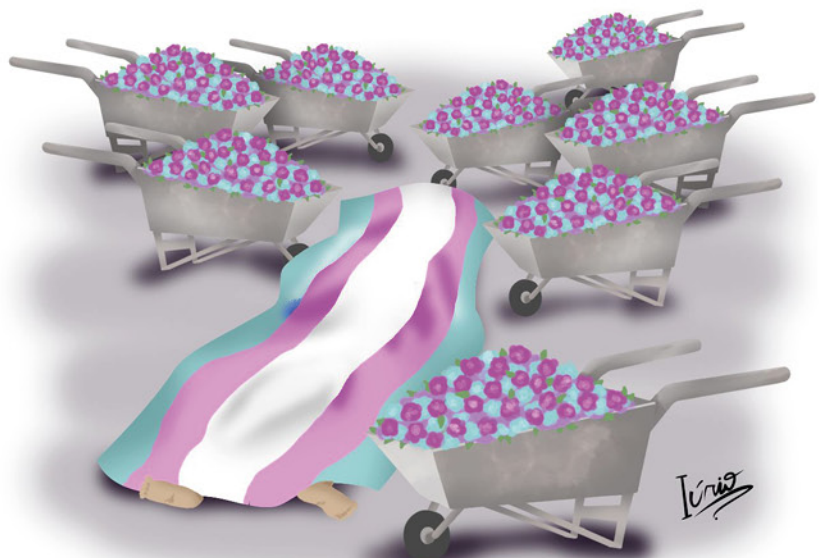
**Projeto Gráfico**  
Isaac Brito Roque

**Foto de Capa**  
Carlos Lourenço - Aquarela Cariri

**Ilustração**  
Iurio Ferreira  
Bansky

**Texto e Fotos**  
Mariana Caselli  
Vamille Furtado  
Felipe Azevedo  
Ribamar Júnior  
Giovanna Duarte

**Colaboração**  
Pâmela Queiroz  
Gabriella Ramos  
Juliana Longuinho  
Dora Moreira  
Maria Clara Rocha









#UulvaEu

# Mulheres contra a reforma da previdência

Pâmela Queiroz

Sim, há uma primavera feminista em processo no Brasil! O mês de março tem marcado as lutas mulheres. Este ano a mobilização ganhou corpo mundial e mulheres de vários países diferentes pararam o trabalho e foram às ruas. Considerando o grande número de vertentes feministas é comum que as maneiras de manifestar também mudem, algumas até mobilizaram atividades nos seus trabalhos.

Aqui no Brasil, na grande maioria das cidades, as mulheres marcharam contra a reforma da previdência, proposta pelo presidente Michel Temer (PMDB). Essa reforma desconsidera que ainda vivemos numa sociedade machista, patriarcal, com bases exploratórias; que as mulheres em especial são atingidas com triplas jornadas de trabalho ao longo da vida; assim como a menor expectativa de vida das mulheres e um mercado de trabalho injusto.

O dia 8 foi escolhido como mais um momento importante para gritar "nenhuma mulher a menos, nenhum direito a menos", pintar de roxo do norte ao sul, e lembrar de todas as que serão atingidas se a reforma for aprovada. Foi dia de lembrar da vida das mulheres que abortam e morrem diariamente nas clínicas clandestinas, por terem constantemente os seus direitos reprodutivos negligenciados pelo estado. Foi dia de gritar por todas as transsexuais e travestis, que assim como Dandara tiveram as suas vidas arrancadas pela intolerância e misoginia. Foi espaço para memorar que nós somos muitas. Somos da cidade, camponesas, transsexuais, travestis, negras, brancas, indígenas, LGBTQUIA, idosas e jovens. Estamos mobilizadas para barrar o avan-



Marcha das mulheres no Crato: "nenhuma mulher a menos, nenhum direito a menos"

ço do conservadorismo e das ameaças aos direitos já conquistados.

Tudo isso é fruto de uma luta histórica, temos muito a agradecer a todas as mulheres que estiveram na front desde 1920. As mobilizações também são ramificações das lutas que insurgiram numa "primavera feminista" as mulheres jovens não

deixaram apagar o seu vigor e se colocam na linha de frente à gritar mais uma vez, que não será dado nenhum passo atrás na busca de direitos civis igualitários. ]







# Lésbica futurista, sapatona convicta

Mona não deixa a inveja (nem a opinião de ninguém) lhe abalar

Vamille Furtado

Com roupas masculinas e um sorriso tímido, Mona nos recebeu em sua casa, no Crato, onde ela mora com sua namorada. Aos 56 anos, ela relembra que começou se reconhecer lésbica com 10 anos de idade e com 14, sua família a expulsou de casa. Antes disso, a sua estratégia para esconder seu estilo dos pais era: sair com bermuda por baixo da saia e tirá-la na esquina de casa, “saía de sainha, mas chegava na esquina e já tava Scania”. Mona não se importa e nunca se importou com os comentários preconceituosos de ninguém, se vestia como queria e andava sempre com cabeça erguida, nunca deixou as imposições de aparência e comportamento da sociedade abalarem sua confiança.

Quando perguntei o que é ser mulher, ela disse que se sente confortá-

vel com seu corpo feminino, mas que é macho e quando alguém a chama de vizinha ela corrige “é vōzinho!”. Fiquei curiosa para entender as impressões dela sobre a performance de gênero, então questionei se ela sente atração por mulheres que também usam cabelo curto e roupas masculinas, mas a resposta foi que, sendo macho, ela prefere quem performe a feminilidade, “se eu for ficar com quem parece homem aí são dois machos, né? Dá rock não”. Mona fala que não deixa de cuidar da aparência de jeito nenhum, não é porque envelheceu que irá deixar de lado as botas, chapéis e camisas de botão que adora e faz questão de se arrumar quando vai sair pra curtir. “Quem mais solta a franga sou eu!”

Mesmo sendo sapatão convicta, ela não economiza elogios para os homens de sua vida, seus amigos viados principalmente, e, lembra carinhosamente, como eram lindos os companheiros de turma, que passavam seu tempo se reunindo na Praça da Sé. Ela ri ao lembrar as mães de seus amigos reclamando que suas

casas viviam cheias de saboeiras e viados, conta que os melhores anos de sua vida eram aqueles cheios de festas e saídas com sua turma. Outra lembrança, que ela compartilha com um grande sorriso, é do seu único filho, que faleceu aos 17 anos, “ele era bonito, bonito... Um homão, a gente fechava nas festas”. Ela não tem nenhum problema em contar que já teve relações com homens, que até gostou da experiência, mas que gosta mesmo é de mulher.

Mona nasceu em Exú e cresceu no Crato, aos 30 anos viajou bastante por Pernambuco e Bahia, e ainda hoje sente vontade de viajar mais e conhecer outras cidades. Sobre preconceito, ela afirma que com o passar do tempo percebeu que diminuiu, hoje são menos olhares, menos comentários. Sobre aborto, acredita que cada um deve ter o direito de fazer o que quiser com seu corpo. Sobre aparência, também diz que identifica a sexualidade de alguém só de olhar e uma das últimas coisas que Mona me disse foi “tu é ativa ou passiva?”.]



Mona: “se eu for ficar com quem parece homem aí são dois machos, né? Dá rock não”









João do Crato diz que continua sendo paz e amor, "do V e da flor". Antes de começar a falar sobre o passado, ele olha para o céu e deseja três dias de chuva

Ribamar Junior

João do Crato, de pernas cruzadas e com lantejoulas prateadas nos ombros da camisa azul de mangas longas, estava em uma cadeira no canto da sala do Telecentro da Biblioteca Municipal do Crato. A Cratedam de Geraldo Urano amanheceu nublada naquela manhã de janeiro e, apesar dos 21° que fazia no termômetro, o ar-condicionado não foi desligado durante os momentos em que o cantor remontava o passado. O que fazia ele encolher as mãos por entre as pernas e falar com o quê sonolento que aos poucos ia acordando. Atrás de João, na parede molhada por infiltrações, havia um calendário do ano de 2016

com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Antes de começar a falar, ele avista a água pingando do telhado do local, encara o céu e deseja três dias de chuva.

Como qualquer nascido com sol em Áries em um domingo de ramos, João Ulisses Filho desfia o tempo a partir de uma só pergunta, gesticula e não põe muitos pontos finais nas palavras faladas, apenas breves vírgulas. João é um flâneur da cotidianidade do Crato. Crescido entre brincadeiras de Lapinha e Dramas Populares, ele conviveu com as trocas da Feira do Crato e não conta quantas vezes acordou antes do galo na bruma da

madrugada com o canto das Canções de Trabalho no sítio em que morava, próximos as colheitas de algodão, engenhos de farinha e casas de farinha.

No ano 1980, em que morre Cartola e Vinícius de Moraes, João vai para Fortaleza, com a permissão do pai, por não querer servir o exército no Crato e por achar que lá seria fácil de ser dispensado do Serviço Militar. O susto pós-tropicalista da década anterior ainda pairava nos ares da capital e João se desbundou no movimento de juventude que sonhava para esquecer a repressão militar dos antros da ditadura. Não demorou muito até









# O JOÃO MAU NA CARA DOS CARETAS

João, como diz Eduardo Logullo sobre a cena eufórica da estética contracultural, se tornar mais uma das pessoas cabeludíssimas, com roupas transadíssimas, dando abraços demoradíssimos, batendo as cabeças louquíssimas, ouvindo sons maneiríssimos e fazendo viagens desencucadíssimas.

## “Lá vão eles”

Daí surge a banda Xá de Flor, no Festival Credimus, ocorrido no Teatro São José, ao lado de pessoas como Fortaleza ao lado de Mõna Gadelha, Lúcio Ricardo e entre outros, João escandalizou os palcos do litoral e adentrou o Rock’n Roll. A cena underground da capital parecia estar mais movimentada, mas no interior grupos iam se aglomerando ao desejo de se libertar das amarras dos bons costumes da família tradicional. João volta para o Crato pulsando forte e aqui começa a tocar em barzinhos, festivais, musicais de teatro e bailes.

João, na brisa on the road, viajou com a Banda Cariri, em que tinha como o guitarrista Cleivan Paiva e o baixista Manel D’Jardim pelo interior do Ceará, Piauí, Paraíba e Pernambuco. Foi com Manel que João começou sua carreira solo, interpretando compositores caririenses, como Abidoral Jamacaru, artista no qual fez a parceria na composição “Oxum”, Luiz Carlos Salatiel e Geraldo Urano. Na carreira musical, ele voltou pra Fortaleza e integrou o grupo Cearense de Opera na montagem da Ópera Nordestina “Moacir das Sete Mortes”. João no palco é pura transe, comunhão erótica de leveza e agressividade, pulso da raiz. O cantor rememora alguns momentos em palco. Uma vez, ele conta que em Barbalha, seminu, bateu boca com um cara que assistia o seu show e recla-

mava sem parar da música que tocava.

Para ele, sua maior inspiração é Ciça Louceira, mais conhecida como dona Ciça do Barro Cru, uma das maiores artistas populares do Brasil. “Eu costumo chamar ela de minha mestra, meu maior exemplo”, diz. João foi frequentador da famosa casa dos irmãos Adiboral e lá, conheceu e participou de grandes momentos com pessoas do mundo inteiro. João costuma dizer, que não é só do Crato e sim, do mundo. Participou de eventos como Chapada musical do Araripe, Bienal de Artes do Ceará, Mostra Sesc Cariri das Artes e entre outros.

A veia militante é tão potente quanto o desejo de cantar. Sobre o cenário LGBTTT da época, João conta que as pessoas eram muito caretas, mas havia quem desafiasse a moral da época, como é o exemplo de Capela, Zada, Milton, Filemon, Ricardo Rainha, Zé Francisco, Boa Francisca, Mona, Leninha e Bambola e Blandino. Foi ao lado de Blandino Lobo que ele criou a cachaça Chá de Flor, e depois o famoso bar. “Muita gente vinha de longe para passar a noite e conhecer de perto a efervescência do Chá de Flor. Era incrível”, lembra ele.

## Dê um rolê

De longe, quando João passava agrupado com a galera, chamada de “loucos”, pela Praça da Sé, ouvia: “Lá se vão eles!”, dos caretas da cidade. Antigamente, João conta que a liberação e experimentação era latente, ali mesmo, nos ladrilhos da Sé era vendido maconha plantada nos sítios próximos a Chapada do Araripe, e João não conta quantas vezes ele e o grupo entrava mata adentro para ocupar as casas abandonadas do IBAMA para se encontrar, bater um papo e se diver-

tir. Chapação e odisseias pela mata do Cariri. Quase como a casa dos Novos Baianos em Vargem Pequena, na zona oeste do Rio de Janeiro. João conta que nos currais eles encontravam os cogumelos, às vezes nem tirava o estrume suficiente da planta e já cortava na boca “deixando o toque e o mundo mais colorido”.

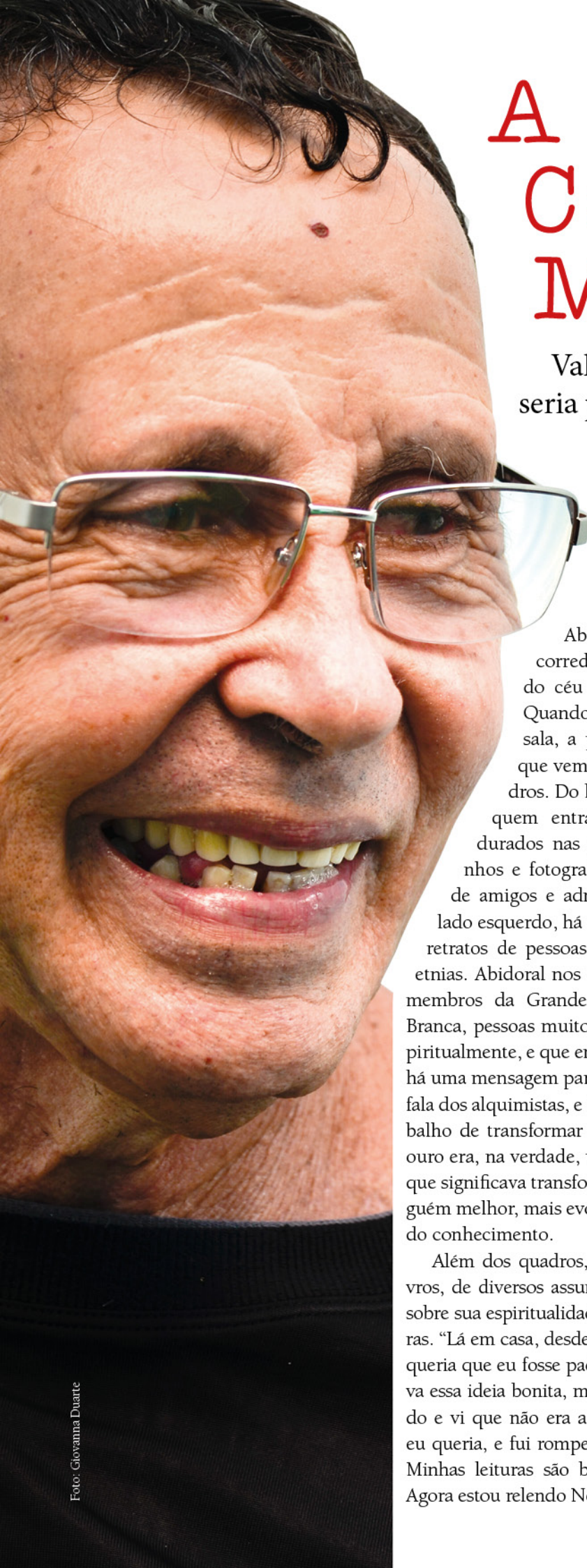
Naquela época, a repressão no Crato não era tão contundente como em outras regiões, mas João conta que chegou a ser preso por estar fumando um baseado. “Ali na praça da Sé era um mantra de muitas coisas acontecendo, nas margens as casas das grandes famílias locais, no meio nós, ali no lugar em que Bárbara de Alencar foi arrastada”, explica. Ali, onde os índios Kariris dizem ter uma baleia adormecida esperando a pedra rolar. Muitas vezes, conta que os seguranças não deixavam eles entrarem em lugares de elite, como o Crato Tênis Clube, por não ter sobrenome suficiente na região. Mas em contrapartida, havia lugares como o Arapuça e Xá de Flor, com cover de Janis Joplin de Leninha que fugiu em fusca para o Rio com sua namorada.

João do Crato se tornou padrinho de muitos grupos de tradição da cultura popular, como Reisado e Coco. Em relação a sociedade moderna, João é firme. Não gosta de consumismo, individualismo e muito menos violência. Acredita que o segredo das coisas está no povo, na resistência. Hoje ele confessa que está mais calmo, menos escandaloso como a performance no palco de antigamente, mas aponto para as lantejoulas do casaco dele e digo: “Você continua no brilho”, ele ri, retruca e diz: “E tu acha que eu deixo? Continuo sendo do V e da Flor”. ]









# A Casa dos Cabeludos Malvistos

Valseando pela memória, o cantor que seria padre, acabou se tornando membro da Turma do Parque e fala da sua experiência nos anos 60

Mariana Caselli

A casa de Abidoral tem um corredor azul da cor do céu de meio dia. Quando entramos na sala, a primeira coisa que vemos são os quadros. Do lado direito de quem entra, estão pendurados nas paredes desenhos e fotografias, presentes de amigos e admiradores. Do lado esquerdo, há sete desenhos, retratos de pessoas de diferentes etnias. Abidoral nos diz que foram membros da Grande Fraternidade Branca, pessoas muito evoluídas espiritualmente, e que em cada quadro há uma mensagem para reflexão. Ele fala dos alquimistas, e de como o trabalho de transformar um metal em ouro era, na verdade, uma metáfora, que significava transformar-se em alguém melhor, mais evoluído, através do conhecimento.

Além dos quadros, há muitos livros, de diversos assuntos. Pergunto sobre sua espiritualidade e suas leituras. “Lá em casa, desde pequeno mãe queria que eu fosse padre, e eu achava essa ideia bonita, mas fui crescendo e vi que não era a realidade que eu queria, e fui rompendo com isso. Minhas leituras são bem aleatórias. Agora estou relendo Noites Tropicais,

mas por deleite, porque já li e vivi isso aí que o livro fala.”

Falo da casa dos irmãos Jamacaru, e ele olha pro chão e sorri, como quem lembra de algo bom. “Eu e meu irmão nascemos naquela casa. Morávamos ali perto da Praça Bicentenário, na época tinha um parque pras crianças, a quadra, já teve até um zoológico. Nos reuníamos na praça com amigos e falávamos sobre vários assuntos, uns eram mais apaixonados por esportes, outros por cinema. Quando éramos adolescentes, fomos criando percepções sobre arte, e por coincidência estava acontecendo uma mudança de paradigma no mundo todo.”

“A coisa começou de maneira prática mesmo - diz - quando Geraldo (Urano) e (Luiz Carlos) Salatiel tiveram a ideia de fazer um festival aqui no Crato. Falaram com o padre Bosco, que a princípio queria um festival de paródias, mas os meninos insistiram que era um festival de música mesmo e como o padre era flexível, concordou. O sucesso do primeiro Festival Regional da Canção foi grande, e nos oito anos seguintes o evento se repetiu e foi crescendo, atraindo pessoas de Salvador, Fortaleza e Recife para participar. A Igreja ajudou muito na estrutura do festival, ele foi até incluído no Calendário Turístico Brasileiro. Infelizmente as autoridades daqui







não perceberam a importância disso e o festival foi morrendo.”

Na mesma época, Rosenberg Cariry teve a ideia de organizar um evento que englobasse todas as artes, que foi chamado de Salão de Outubro. “Passávamos uma semana acampando no parque fazendo arte, todos os anos, durante mais de dez anos. Agregou todo mundo que se interessava por aquilo, e só pedimos apoio do secretário de cultura na época, João Pierre, que foi o melhor secretário de cultura

te queria externar um sentimento... Quando uma coisa chega com uma proposta inovadora, causa uma estranheza, uma reação contrária, e a gente passou por essas coisas.” Ele levanta, e assim como sua voz, seus gestos são serenos, e tira uma das fotografias da parede para nos mostrar. Na foto, um rapaz de barba grande e cabelos enrolados tocava um violão perto de um senhor. “Esse do lado é meu pai. Eu usava cabelo grande e barba grande, e essa imagem era associada com

ainda sem nome. Diz que trabalha com muita liberdade. “Todos os ingredientes que posso usar nas músicas eu uso, então se você pegar meu primeiro CD, é bem diferente do segundo, que é bem diferente do terceiro, e esse quarto está ficando diferente dos outros três. Eu acho que a música é uma coisa universal e tem que ser tratada dessa forma.”

Pergunto se já sabe quando vai ser lançado o disco. “Pra lançar o primeiro CD foi 12 anos. Do primeiro pro



O músico Abidoral Jamacaru lembra sobre os anos 60 e 70 a partir dos festivais de músicas, patotas e salões de arte.

que o Crato teve, é bom que se diga.” Abidoral lembra que os elementos da contracultura e do tropicalismo eram vividos de forma intuitiva nos festivais, nada era planejado. “A turma do parque tinha um gosto geral por música, todo mundo praticava. A música, talvez, é das artes a mais atraente. Antes dos festivais eu não compunha, eles me motivaram a isso, não só a mim mas também aos outros. Ganhei dois festivais como compositor e dois como intérprete.”

Pergunto se a turma do parque era mal vista pela sociedade. “Era sim, porque a gente usava cabelo grande, que não se usava, a gente fazia música fora do Bel canto, porque a gen-

drogas e hippies.”

Aproveito a deixa para saber como era o acesso às drogas na época. “Naquele tempo droga era vista como uma coisa mítica, era um mito. Diziam que se você fumasse maconha e soprasse a fumaça embaixo da porta de alguém ficava todo mundo meio ‘bêbado’ e vinha um ladrão e roubava tudo. Era assim que se falava da maconha, que era a erva do diabo, era o bicho papão. O uso sempre foi clandestino, ainda hoje é. Alguns cabeludos e barbudos faziam uso, e eram malvistas, então o grupo como um todo era malvisto.”

O compositor revela em primeira mão o lançamento do seu novo CD,

segundo foi mais 12, do segundo pro terceiro foi 10 anos, e do terceiro pra o quarto, que é agora, já são nove anos. É assim, quando pinta dinheiro. A gente vai gravando, quando falta dinheiro a gente suspende as gravações, depois se refaz e volta. Aqui é desse jeito, não tem como viver de música.

Para finalizar, Abidoral fala sobre como percebe os movimentos culturais da época comparados aos de hoje. “Eu admiro muito essa geração contemporânea, vejo as pessoas mais livres, mais soltas. Mas nós saímos de uma ditadura militar pra uma ditadura midiática”. ]







# O Café de Zé Viado

Há um ano e meio trabalhando no Mercado Público Walter Peixoto em Crato, Zé Viado fala o porquê de ter abandonado o cabaré



Zé Viado na sua barraca do mercado do Crato preparando almôndegas

Ribamar Junior

Amassando na palma da mão bolinhas de carne recém temperadas em uma frigideira de aço inox e com uma touca na cabeça em um cômodo de quase sete metros quadrados, Zé responde às perguntas enquanto vende café, cigarro, recebe troco de uma cerveja e prepara o almoço do dia para os clientes. Há um ano e meio trabalhando no mercado público do Crato, ele conta que abandonou o cabaré que cuidava com oito meninas.

Natural de Crato, Zé Viado, ou como também é chamado, Mainha, conheceu Mona ainda jovem, no bairro Gesso, quando ainda a localidade era um prostíbulo para Crato. Aos 57 anos, ele diz que já foi travesti, dos 13 aos 17 anos, mas quando sua mãe morreu, desistiu do que ele chama de “suas loucuras”. O pai, abandonou Zé quando descobriu do gosto do filho e até hoje não mantém contato.

Na época, Zé trabalhava em um cabaré e sempre via Capela, a primei-

ra travesti do Crato nos anos de 50 a 60, passar pelas redondezas. “Ela tinha fama de ser muito valente, mas sempre foi gente boa”, conta. Chegou a conhecer também pessoas como Ricardo Rainha e Filemon, amigos de Mona, mas não era tão próximo. O grupo ficava na Praça Cristo Reis, próximo ao Largo da RFFSA.

Ele conta que apesar do preconceito de antigamente, não havia tanta violência como hoje. “Eu nunca tive com malocagem, sempre fui reservado. Mas não havia tanta violência, como vejo hoje”, diz. Sobre o apelido Zé Viado, ele explica que não sabe como apareceu, mas nunca incomodou. “Se for só Zé, ninguém conhece, tem que ser Viado, não me incomoda não, mas quem chega pra falar querendo zombar incomoda” fala. Geralmente quem chama são uns colegas, “vamos tomar uma lá no Zé Viado”. No mercado ele diz que sempre foi tranquilo a convivência com os amigos e vendedores.

Caldo de costela, frango, bife e car-

ne moída são as opções do cardápio de Zé na rotina. Há vinte anos trabalhando no ramo do cabaré, desistiu por problema das meninas com drogas. “Sempre lidei bem com minhas meninas. Mas acabei com problema de se envolver e me prejudicar. Tinham oito a dez mulheres e rendia bem e todas elas moravam com ele, algumas eram casadas, moravam juntas, e trabalhavam em outras coisas. Há vinte anos não havia tanta droga”.

Católico, tem quatro imagens de santo na cozinha improvisada, um deles é o São Jorge. Hoje é solteiro, acredita que romance só dá negócio na cabeça e prefere estar só e dá graças a Deus por isso. É satisfeito com o corpo que tem, tomou hormônio por uns anos, e por isso, desenvolveu um pouco de seios, mas “sempre tive medo de injetar alguma coisa no corpo por medo de não dar certo”. Calada, Carminha, auxiliar dele, escuta tudo enquanto lava a louça. ]

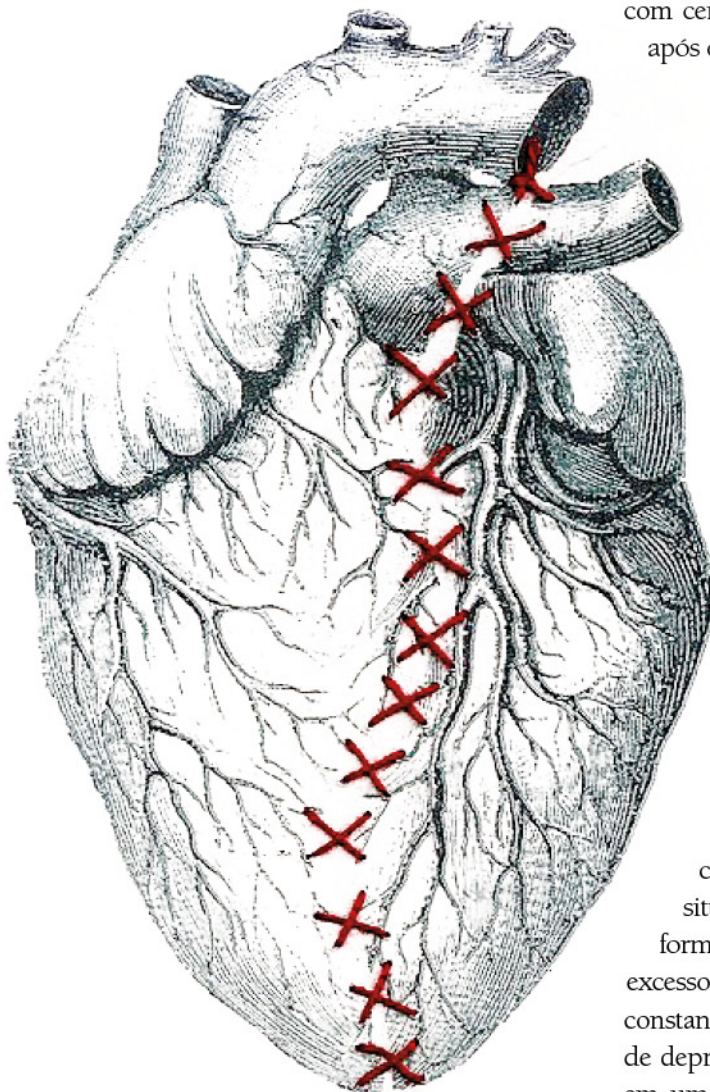






# Você não sabe, mas já foi abusivo

Gabriella Ramos



Muitos acreditam que terminar um namoro por mensagem é uma coisa terrível e fria. Eu diria que sim, há uma certa indiferença nesse ato, mas no meu caso não. Eu precisava ser indiferente, precisava ser fria, dura e forte. E consegui. Após finalmente digitar as tão temidas palavras "eu quero terminar" parecia que tinha levado um soco no peito de início, mas minutos depois respirei, aliviada.

Eu era muito nova. Comecei o namoro com 14 anos e ele tinha 17, era o meu primeiro relacionamento. Nessa idade, ainda acreditava em muitos clichês românticos colocados à exaustão na minha cabeça pelo sistema patriarcal, isto é, achava que teria um amor para a vida toda. Perfeita ilusão.

Só depois do término e o adentro no movimento feminista foi que percebi o que realmente estava vivendo. Eu nunca cheguei a pensar que tinha uma relação normal, sabia que existiam coi-

sas erradas nela, mas deixava passar, afinal era só uma briguinha, uma discussão, uma besteira. O problema é que eram besteiras demais, dificuldades inexistentes. Mas ele me amava, certo? Vivemos coisas ruins, mas também tivemos tantos momentos bons, afinal eram três anos de namoro, ia dar certo, era só uma fase. E assim eu pensava e continuava.

Sair de um relacionamento abusivo não é fácil para ninguém. É como uma doença. Você não percebe, mas ela está lá, lhe sugando e maltratando diariamente, é algo que deixa cicatrizes. Meses depois de terminar o namoro eu ainda sentia suas marcas. Mas não eram marcas de saudade, amor ou qualquer tipo de sentimento pelo ex, e sim as marcas do tipo de relacionamento que ele me fez passar. A experiência me fez criar uma espécie de barreira, um medo de ter qualquer tipo de apego ou afeição por outra pessoa. E o pior? É que

com certeza ele não sentiu nada disso após o fim.

Apesar da visibilidade que relacionamentos assim ganharam, as pessoas ainda não entendem a complexidade de uma relação abusiva. Ouvi não só uma, mas algumas vezes, comentários que questionavam porquê eu simplesmente não terminava, ou pior, que a culpa era minha por ter escolhido ficar naquela situação.

É necessário dizer que para um namoro ser classificado como "relacionamento abusivo" não é preciso chegar ao ponto de existir violência física. Ele nunca me bateu, mas cheguei a desejar que batesse, para que assim eu finalmente criasse forças para sair daquela situação. Existem muitas outras formas de abuso, como ciúmes em excesso, gaslighting, possessividade, constante vitimização e a necessidade de depreciar o parceiro. No meu caso, em um relacionamento heterossexual, além dessas características ainda existia o mansplaining, configurado pelo fato do homem querer ter a palavra final e sempre mostrar entender mais do assunto que você, era assim em praticamente todas as discussões. Apesar de haver uma maior visibilidade para as relações abusivas heterossexuais, é preciso entender que o abuso também ocorre entre parceiros do mesmo sexo.

Eu consegui me desprender, mas infelizmente são muitas as pessoas que ainda se encontram presas, e para elas eu espero que encontrem seu caminho, que consigam se livrar das correntes e que saibam que sim, é possível seguir após um relacionamento abusivo. Vai deixar cicatrizes, mas eu garanto, a sensação de alívio é impagável.]







# Última Sombra

A ideia do ensaio começou pela necessidade que eu sentia de evidenciar o corpo drag sem o glamour das roupas e a extravagância das cores, aspectos bastante característicos dessa arte que eu tanto admiro. A escolha da modelo Charlotte Killz (Neto Fabríni) foi proposital, pois além de

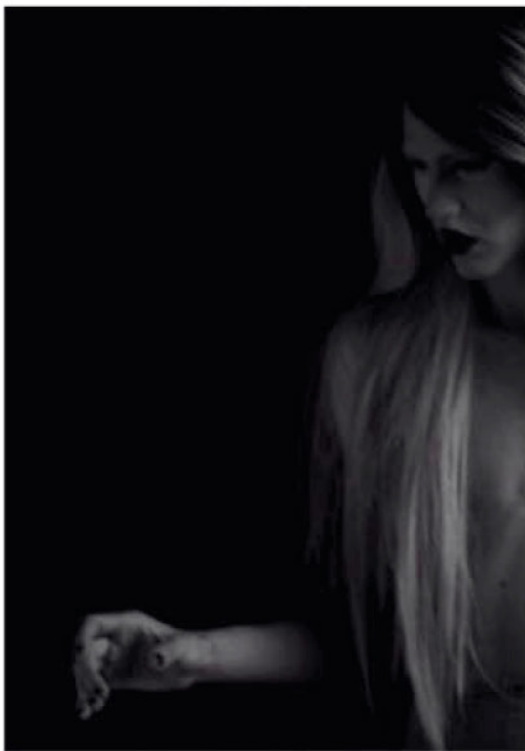
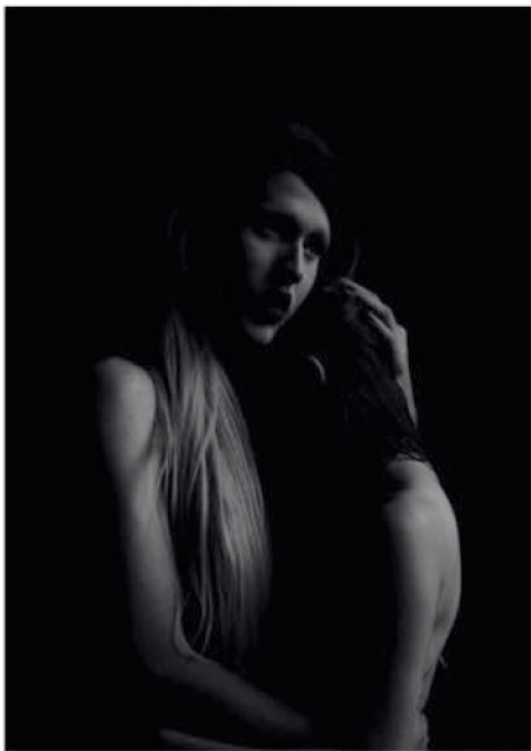
ser um fã do seu trabalho, Charlotte é a queen que domina as boates de Fortaleza-CE. O low-key, unido ao preto e branco são a minha especialidade quando se trata de fotografia, decidi aplicar essas técnicas para dar o ar dramático e de veracidade que eu buscava para esse ensaio.

*Darlan Andrade, estudante de Letras na Universidade Regional do Cariri (URCA), formado em fotografia pelo Porto Iracema das Artes - Escola de Formação e Criação do Ceará*

















Macunaima, de Antunes Filho colocou em cena o modernismo de 22 no final dos anos de chumbo

# Breve relato de um náufrago dos anos 70

*José Anderson Sandes*

Uma espécie de concepção mágica da condição humana. Desbunde, geléia geral, sexo livre, comunidade, pílula, udigrudi, drogas, guerrilha, feminismo, gays, casamento aberto, patotas, patrulhas ideológicas, patrulhas odara, ditadura militar. Eram os anos 70 em sua segunda metade. Muita coisa ao mesmo tempo agora. Muita água também já havia rolado desde os rebeldes anos 60.

Enquanto corria a barca, na segunda metade dos anos 70, muitos da minha geração lia mais sobre essa nova forma de interpretar o mundo do que propriamente vivenciava. Pelo menos uma classe média brasileira assistia da janela do apartamento a passagem desses tempos de

tantos paradoxos. Isso era e ainda é a minha concepção. Espírito do tempo - assembleias, artes visuais, debates e festivais de teatro e de cinema. Juntando tudo, dava para sentir o pulso daqueles deslumbrados anos, pressupor o rolar nervoso das ondas. Qual é a onda do momento, bicho?

Os livros, o teatro e o cinema eram o principal meio de sobrevivência contra uma tecnocracia e uma ditadura que se instalara no Brasil no início dos 60. Corria o governo do alemão Geisel (do pacote de Abril, fechamento do Congresso; e da abertura lenta, gradual e segura); depois o do general Figueiredo (do quebro e arrebento; do prefiro o cheiro de cavalo ao do povo ou se ganhasse salário mínimo daria um tiro na cabeça).

Gláuber Rocha padeceu no infer-

no por defender a abertura lenta e gradual do general Geisel e chamar o general Golbery, um dos mentores do golpe militar, de gênio da raça. Por isso, os tempos também eram de patrulhas ideológicas. Cacá Diegues detonou a esquerda festiva numa entrevista ao Correio Braziliense. Seguindo os passos, aliás, do maior reacionário do país da época, o jornalista Nelson Rodrigues. Dá para entender tanta geleia geral?

Bem, além dos livros – nós que amávamos tanto a revolução –, líamos muitos jornais. Ao lado de Sartre, Simone de Beauvoir, Allen Ginsberg, Timothy Leary, Jack Kerouak, Roberto Freire, Luís Carlos Maciel, líamos avidamente jornais de esquerda, anarquista, impressos que sobreviveram à luta armada – Liberdade, Liberdade,







Abra as Asas Sobre Nós, estampava o alternativo "Movimento", talvez o "Em Tempo". Não lembro. Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.

Os mais jovens – aspirantes a jornalistas, atores, filósofos, poetas – procuravam conviver com os mais velhos nas universidades e pelos bares de Brasília, principalmente o Beirute (109 Sul), QG da cultura maldita. Eram jornalistas, intelectuais, boêmios, escritores e alguns ex-guerrilheiros que carregavam uma carga de vivências e leituras desde os anos 60. Como diz o jornalista Zuenir Ventura, uma geração não é feita de idades, mas de afinidades.

Achávamos que estávamos barbarizando, botando para quebrar, rompendo com os dogmas sagrados da família, pátria e religião, afinal, pedras que rolam não criam limo. Pura ilusão. O mundo real é, em verdade, apenas um pensamento. Ou ainda ali se instalava o fim das utopias, como sugeriu Marcuse. Estávamos todos, na verdade, meio que paralisados diante de tanta onda, birita, blitz, bode e babado.

Não foram poucas às vezes que éramos revistados pela Polícia nos bares de Brasília ou até ao sair do teatro. Ela chegava sorrateiramente. Todos em pé, mãos para cima, carteira de identidade. Ah! De quem não portasse a bendita, ia parar na delegacia. Ou se alguém fosse pego com um poquinho de erva. Ah, aí a coisa se complicava. E como se complicava.

Assim corria a vida ou a barca. Entre livros, jornais, teatro, cerveja, muita cerveja, conversas libertárias. Papo cabeça ou papo furado. Queríamos dividir pão com cerveja e muita conversa. Naqueles tempos também era preciso cantar: eu sou a luz das estrelas, eu sou a cor do luar, eu sou as coisas da vida. Com Raul ou com Os Novos Baianos.

Apesar das bombas nas bancas de revistas, da polícia e do medo foram anos também otimistas neste País tropical, abençoado por Deus. O teatro

era bastante vigoroso. Talvez nele encontrávamos algumas respostas para o final daqueles anos de chumbo.

"Arena conta Tiradentes", "Arena conta Zumbi", "Liberdade, Liberdade", "Revista do Henfil", "Macunaíma", "Asdrubal Trouxe o Trombone". Augusto Boal, Zé Celso Martinez Correia, Vianinha, Gianfrancesco Guarnieri, Ruth Escobar, Millor Fernandes, Perfeito Fortuna, Hamilton Vaz e tantos outros apontavam a luz no final do túnel.

Havia uma renovação de linguagem da cena teatral em todo o Brasil. Do Ceará, assisti em Brasília, Rosa do Lagamar, de Eduardo Campos, dirigido por Haroldo Serra. Isso devido ao projeto Mambembão (companhias de outros Estados se apresentavam

“  
Afinal, orgasmo  
não rima com  
guerrilha.  
Nem amor com  
possessividade.  
Era outro barato  
existencial.”

no eixo Rio, São Paulo e Brasília através do Serviço Nacional do Teatro - SNT). Tempos ainda da Embrafilme, da Funarte, do Projeto Pixinguinha e da expansão da Indústria Cultural. Tudo em tempos de ditadura. Paradoxo? Eles, os paradoxos, estão aí desde os gregos. Abertura, por um lado; porrada pelo outro.

A proposta na cena teatral era desenvolver uma nova sensibilidade, misturar experimentos artísticos e comportamentais, fundir vida e arte. Isso era o que importava. Quem chegou mais perto dessa ideia foi o grupo Asdrubal Trouxe o Trombone com "Trate-me Leão" e a "Farra da Terra".

Arte e vida? Nada a ver com mimetismo/retratos da vida/a vida como ela é. Mas sim com nossos sonhos de um mundo coletivo, melhor, solidário, de paz e amor ao final daquela brutal di-

tadura. Era a grande viagem de Castañeda junto com a loucura de Antonin Artaud. Afinal, orgasmo não rima com guerrilha. Nem amor com possessividade. Era outro barato existencial.

No teatro político tínhamos mais uma arena de reflexão. "A Invasão", de Dia Gomes, cutucou a ditadura com vara curta e "Eles Não Usam Black-Tie", de Guarnieri, colocou no palco a greve e o operário brasileiro para horror da linha dura militar, que vinha perdendo a batalha no campo da política e da arte, principalmente o teatro. Mas ela dava o troco. E como dava.

Eram comuns alarmes falsos de bombas nos teatros (em Brasília funcionavam quatro, na época - Teatro da Escola Parque, Galpão, Garagem e Sala Martins Penna) com a finalidade de tocar o terror entre atores e plateias. Por vezes, indivíduos da extrema direita furavam pneus dos carros estacionados nas vizinhanças dos teatros durante as peças.

Assisti a "Revista do Henfil", de Ruth Escobar, numa quadra de esportes pela suspeita de bomba no teatro. Com ingressos subsidiados, os teatros estavam sempre lotados. Dois pesos, duas medidas. Tempos de briga entre os adeptos da linha dura e os da abertura política. Geisel versus general Sílvio Frota. Deu Geisel, o alemão. E o Brasil terminou por cair numa democracia após a Bomba do Rio Centro e outras barbaridades mais.

A nudez, o erotismo, a sacanagem também permeavam nossa cena teatral e nosso cinema. Como também a vida de muitos jovens de classe média daquele final dos anos 70. A sensação era de que com a chegada dos exilados políticos em 1979, o Brasil seria uma festa. Pura impressão. Acho que o nosso desbunde foi tardio, uma espécie de "sequestro da experiência". Os anos oitenta começaram agressivos, punks, principalmente com o chegada da AIDS e do neoliberalismo de Margaret Thatcher. Outros tempos. Outras histórias. Talvez mais sombrias do que as dos meus verdes anos. |







# Xá de quê, menino?

Cariri que é Cariri já ouviu falar alguma vez na vida no Xá de Flor. Pelo nome, a gente pensa logo que dá lombra. E dá?

*Giovanna Duarte*

Na última vez que trabalhou numa Expocrato, em 1900 e bolinha, quando informado de que a cerveja estava pra acabar... Foi preciso correr em casa, encher uma grade com a cachaça, por uma rudia e, “olha... Eu atravessi esse dancing com 19 litros de cachaça na cabeça dançando mais o povo.” Sem datas exatas, mas memória perfeita para caminhos, Blandino Lobo criou, viveu e amou a lendária cachaça Chá de Flor.

Se tivesse nas escolas da região uma matéria chamada História do Cariri, essa faria parte do capítulo Contracultura. Foi assim: lá pelos anos 70, João do Crato participava da banda Chá de Flor em Fortaleza. Blandino ajudava com a produção dos shows e estudava sobre ervas na mesma época. Nessa de estudar sobre ervas, a cachaça Chá de Flor saiu dos experimentos direto pra cabeça da galera.

Foram seis meses trabalhando em uma feira famosa de Fortaleza, três deles “ao vivo”, quando, se sentindo endeusado, ficou puto e voltou pro Cariri. Já no Crato, a bebida começou a ser produzida em casa. Ao longo de 25 anos, Blandino e sua trupe, como chama os amigos que o acompanhavam, comercializaram a Chá de Flor entre festas como Expocrato, Pau da Bandeira, festas juninas, festa da Padroeira do Crato... Ao todo são 26 sabores de cachaça entre frutos e ervas.

Homem de família, ele explica que “cachaça é o lado de papai, papai nasceu e se criou em alambique e erva é o lado de mamãe, piauiense camponesa dali perto de Picos”. Fazer a cachaça Chá de Flor era um ritual, “primeiro que eu não faço sem vontade”.



Blandino Lobo e João do Crato, os idealizadores da cachaça Xá de Flor

de”. A produção no laboratório, como chamavam o lugar da casa onde era produzida a bebida, começava com a limpeza dos recipientes. Depois de lavados com água e sabão, eram lavados novamente, dessa vez com cachaça. De fórmula em fórmula o

paladar precisava ser lavado com cerveja e churrasco. E trabalhar de noite depois de dias assim, era só alegria. O sucesso foi tanto que a cachaça “ficou a preço de cerveja”. Só que nem tudo eram flores. Blandino conta que foi muito perseguido. A coisa toda de







mexer com ervas e ser cabeludo fazia a polícia acreditar que tinha droga no meio da história e que ele tava desvirtuando a juventude cratense. Quando na verdade, “era um trabalho natural, essência de ervas misturada com água ardente, e só depois de um ano conservando a gente misturava com suco de frutas, mel de abelha e gelo e bebia”.

No palco do bar Chá de Flor, passaram nomes como Cássia Eller - “foi no Cariri que ela se lançou pro mundo”. Era lá que rolavam as melhores apresentações, das melhores bandas. E todo lançamento do mundo, chegava lá primeiro. Rolava muito rock and roll e opera, forró era uma vez por ano, e pé de serra. Quando indagado sobre o que havia de melhor... A resposta é saudosa: “naquela época você ouvia as pessoas assobiando Alceu Valença do meio da rua”.

Ora Blandino conta que ninguém se embriagava já que era tudo muito dançante e a bebida saía pelos poros, ora diz que quem caía bêbado era colocado pra dentro, ficava com a chave e no outro dia de manhã ia embora. Em todo caso, “rolavam todas as loucuras mas era uma loucura sem atropelo diferente de hoje.”

Perto de completar 60 anos, o criador da bebida mais famosa do Cariri não curte muito a dinâmica urbana. Diz que é bicho do mato e que “vai chegar o tempo de botar a barba nos peitos” e pro mato voltar. Ele não é bom de celular, “mas se der uma pane no sistema sei acender um fogo rapidinho”. Blandino conta que colecionou bons amigos, viveu muita coisa boa e aprendeu com tudo, mas não sente saudades. Para ele, o Chá de Flor foi maravilhoso, porque foi uma época certa para o momento. O fim também chegou na hora certa, enquanto tudo aquilo ainda tinha significado.

Ano passado, para ajudar um amigo com a construção de uma casa, Blandino abriu matrizes de essências guardadas há anos e produziu algumas garrafas. A lendária cachaça Chá de Flor foi vendida na Expocrato, numa barraquinha, como tudo começou. Mas não por ele, “hoje em dia, eu não boto uma cachaça a não ser que seja pra mim”.

E a receita do Xá de Flor, Blandino? “A receita é acreditar”. ]



### Modo de preparo

Ingredientes: mel de abelha, sucos concentrados, pó de madeira, matrizes de essências de cravo, canela, catuaba, emburana, aniz estrelado e cachaça do brejo.

#### APOIO CULTURAL











Em foto coletivo OCA ergue bandeira do movimento em frente a Igreja da Sé

## 3 de maio de 86: os marginais de Craterdã

Assim como os Rolling Stones na Inglaterra negaram a rainha, os artistas no Crato negaram na Igreja da Sé a história que esquece da Bárbara de Alencar

*Felipe Azevedo*

O Crato fervia nos anos 80. A década explodia nos meninos e meninas anarquistas uma vontade que eles, hoje pais e avós, ainda sentem esquentar o sangue latino numa contracultura cearense inesgotável. Os artistas dali queriam ser vistos, sentiam-se parte da história da cidade. De fato eram.

Luis Carlos Salatiel se juntou com Fidélis, Caíca, Amadeu, João do Crato, Manel de Jardim, Paulo Fuísca, Vanda, Edelson Diniz, Alemberg Quindins, Abidoral, Wilton Dedê e mais um pessoal. Eles fundaram a

OCA, Oficinas de Cultura, Artes e Produtos Derivados, um movimento artístico com CNPJ e tudo, que existe até hoje, eles garantem.

“A OCA foi fundada por um grupo, não foi por uma pessoa, na realidade a gente tinha um grupo de arte e certa vez a gente se reunia na Praça onde hoje é a Alexandre Arraes”, conta Wilton Dedê, atual Secretário de Cultura do Crato e ex-integrante da OCA. Ele conta que o grupo havia assistido a um espetáculo do grupo Poesia, Vida e Sangue de Cacá Araújo na Vila Alta, e após isso, surgiu o desejo de pôr em prática o senso de coletivo.

“Eu os convidei para irem para

uma reunião com a gente e ele disse que nós éramos muito fechados e começamos a ter contato com outros grupos, do São Miguel, da Caixa D’água, e começamos a chamar, Alemberg Quindins, tinha um grupo de movimento dos jovens da igreja”, continua Dedê. O nome da OCA é uma homenagem aos índios Kariris. O primeiro grande evento organizado pelo coletivo foi a I Reunião do Cariri, realizada em Mauriti, por apoio Narcélio irmão de Kaíka Luiz, na época gerente de um banco e amigo da equipe da prefeitura. “Então a cidade anoiteceu normal e amanheceu com 200 artistas dando cambalhota,







fazendo poesia nos bancos de praça", lembra Dedê.

Outro evento apoiado pela OCA era o Salão de Outubro, realizado sempre no final do mês de outubro em Crato. Sobre o evento que durou vinte anos, Dedê fala que o mais marcante foi um em que aconteceu o lançamento do livro *Vaga-Lumes* de Geraldo Urano. "Geraldo dava um trabalho infeliz, já era do grupo anterior, Grupo de Arte Por Exemplo, era da década 70, chegamos a receber gente de Recife, Brasília e até Chile. Nesse dia ele bebeu muito e quando ele subiu no palco, ele não falou nada, e começou a lançar os livros jogar no pouco, eu ainda consegui salvar meia caixa do livro".

Tudo ainda engatinhava e algo marcante tinha que acontecer pra que o movimento ganhasse força. Se aproximava o 3 de maio, data que José Martiniano de Alencar, estudante do Seminário de Olinda, fincou o pé no chão e com o dedo em riste deflagrou o movimento republicano, no conservador Vale do Cariri, em 1817.

Valendo-se das ideias da Revolução Pernambucana daquele mesmo ano, ele "proclamou" a independência do Brasil no púlpito da matriz e o Crato virou país por um dia. Era tarde de sábado e o padre Ivan sabia o que acontecer, reservou a hora da homilia pra chegada dos amigos anarquistas, mas não avisou aos fiéis. A missa do 3 de maio na Igreja da Sé, ali em meados de 1986, recebia a nata cratense, as "madames e seus colares de pérola que, por serem Alencar, sentiam-se parte da história", reclamava Salatiel. Alemberg estava pesquisando sobre as revoltas populares e era a hora de se mostrarem pra história se repetir.

Salatiel se vestiu de Martiniano, "era como se o próprio tivesse descido ali na igreja". No calor, botou roupas largas e pesadas. Decorou o texto, montou a peça, marcou a cena e esperou a hora certa de entrar na igreja com o elenco. Paulo Fuísca era Tristão Gonçalves, Dedê o chefe dos jagunços para fechar a igreja com es-

pingarda soca-soca. Alemberg distribuiu bombas rasga lata para os meninos que estavam na rua.

"O povo que assistia a missa botava o terço e diziam: 'vai de reto sata-nás'. Até que quando discursamos, ao invés de repetir o discurso de Martiniano, nós atualizamos o discurso e começamos a reclamar da administração municipal da época.", pontua Dedê. Do altar, encerrou-se salmos e o evangelho: "palavra da salvação", disse o padre. "Glória a vós, Senhor", veio a resposta da assembleia. Era a deixa que precisavam. Da nave central da Sé ouviu-se o grito retumbante, "não reconheço vocês como herdeiros das minhas ideias"! Era Martiniano, no corpo de Salatiel. Ele viu o susto no rosto das pessoas e achou que estava indo bem.

A cena continua. No púlpito do altar, falou sobre como a arte estava sendo esquecida. Lembrou da casa de Bárbara de Alencar, que "ninguém mais lembrava". Disse também que havia uma negação da história, quando achavam que estavam lembrando dela. Não houve reação, o teatro da OCA refazendo o passo de Martiniano deu "tremor nas pernas deles" e

ninguém saiu do lugar. "Ali nos éramos os Rolling Stones na Inglaterra, estávamos negando a rainha e precisávamos ser lembrados", insistiu.

Fechou-se a cortina. O discurso acabou e o cortejo seguiu até a Câmara dos Vereadores repetindo 1817. A bandeira da OCA foi fincada e os "presos", representados por outros artistas, foram soltos da cadeia. Era a liberdade dos poetas, cantores, atrizes e atores, era a história acontecendo. Eram os meninos indo contra todo mundo, pela arte. Eram eles, fazendo história.

Abidoral disse que a OCA estava crescendo aos pulos, como sapo. O logotipo do grupo se tornou o animal. Por alguns desentendimentos, a OCA terminou, mas mesmo assim os anos 80 foram atravessados por produção de arte. Abidoral abriu um bar. Blandino abriu um bar. As flores davam o néctar do Xá. "A liberdade ainda era mal vista. Era sinônimo de um antro de maconeiro, viado e rapariga", ri Dedê. Nos anos 90 a produção ficou caseira. Dedê disse que os cantores só queriam saber de barzinho e cantar Djavan, tchu ru ru ru. Ficou esquisito. ]



Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde em palco no dia do evento











